



LITURGIA E HERMENÊUTICA: DA ALEGRIA E DA BELEZA

Liturgy and Hermeneutics: joy and beauty

Éder Beling¹

Resumo:

O que a igreja quer expressar através de suas celebrações litúrgicas? Qual o centro unificador e propulsor da reunião cristã? Podemos falar de uma hermenêutica litúrgica cristã? Quais os desafios para uma vivência autêntica da fé cristã no mundo atual? O passado e a tradição nos ajudam ou nos atrapalham no desafio constante de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo? Queremos neste artigo discutir alguns questionamentos colocados pelo pastor, teólogo e acadêmico Jaci Maraschin no que tange a uma hermenêutica litúrgica que se articula no mundo do ser humano contemporâneo: a liturgia enquanto lugar de utopia e esperança que busca a integração do ser humano através de uma vivência atualizada da Palavra de Deus; liturgia que se visualiza e se viabiliza através de uma relação hermenêutica em conjunto com a Bíblia, ou através do *sola scriptura* evangélico. Ademais, buscamos em Maraschin, aquilo que ele expressou em seu livro “*Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*” através de relações como: jogo e brinquedo na liturgia cristã; estética e mistério na arte cristã; o corpo na liturgia; e uma liturgia *non-sense* e as seguimos como pistas para uma prática contemporânea da liturgia.

Palavras-chave:

Hermenêutica. Liturgia. Bíblia. Pós-modernidade. Jaci Maraschin.

Abstract:

What does the church want to express through its liturgical celebrations? What is the unifying and propelling center of Christian gathering? Can we speak of Christian liturgical hermeneutics? What are the challenges for an authentic experience of the Christian faith in today's world? Do the past and tradition help us or hinder us in the constant challenge of proclaiming the Gospel of Jesus Christ? In this article, we aim to discuss some questions posed by scholar, theologian and pastor Jaci Maraschin, regarding liturgical hermeneutics, which is articulated in the world of the contemporary human being: Liturgy as a place of utopia and hope that seeks the integration of the human being through an updated experience of the Word of God ; Liturgy that is visualized and enabled through a hermeneutical relation with the Bible, or through the evangelical *sola scriptura*. Moreover, in Maraschin, we look at what he has expressed in his book “*Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*” (Of lightness and beauty: liturgy in post-modernity) through relations such as games and toys in Christian liturgy; esthetics and mystery in Christian art; the

¹ Mestrando em Teologia – Bacharel em Teologia – Faculdades EST. Bolsista do CNPq. Orientado pelo Prof. Dr. Júlio César Adam. E-mail: ederbeling@gmail.com. Master's degree student in theology – graduated in theology – Faculdades EST. Scholarship recipient supported by CNPq. Supervised by Dr. Júlio César Adam. E-mail adress: ederbeling@gmail.com.

body in liturgy; and a non-sense liturgy, and we follow these as clues to a contemporary practice of liturgy.

Keywords:

Hermeneutics. Liturgy. Bible. Postmodernity. Jaci Maraschin

Introdução

Tenho amigos que reprovam os liturgistas porque parecem trãsufugas das realidades sociais e políticas, levitados, segundo pensam, para regiões transcendentais onde não há mais mal nem opressão alguma. As liturgias sempre foram ameaçadas de ilusão e alienação. É por isso que todos os que dirigem e preparam as celebrações de igrejas e outras comunidades estão sempre se submetendo à autocrítica e ao julgamento teológico do Evangelho. Temem que o Deus irado dos tempos de Amós volte a vociferar do mesmo jeito [Amós 5.21; 23-24] [...]. Porque a liturgia é um ato celebrado na presença do Transcendente, somos tentados a pensar que também somos transcendentais. Esquecemos que somos corpos e que a vida se expressa pelos sentidos. O reconhecimento da transcendência faz-se precisamente no interior da imanência.²

Vivemos em um tempo em que várias trocas são efetuadas ao mesmo tempo. Vivemos em um tempo em que a consciência humana e a cientificidade sobrepõem-se sobre o *homo ludens*. Vivemos em um tempo em que a razão se instaura como sendo uma nova forma de “religião” e de verdade. Vivemos em um tempo em que não há mais espaço para a liturgia e a espiritualidade. Ao mesmo tempo em que, tudo se mistura e transforma-se “quase” numa coisa só.

Afirmações que se dão fortemente no contexto não apenas acadêmico, mas tornam-se realidade no cotidiano. No século XXI, as relações teológico-religiosas que acontecem nos mais variados âmbitos da cultura secular e religiosa estão impregnadas de linguagem, figuras, formas, ritos e símbolos religiosos, como sempre aconteceu ao longo dos séculos. Mas há uma transformação: a apropriação de fenômenos, símbolos, ritos, figuras e linguagens para outros fins que não os definidos pela religião e que não mais estão baseados no critério do amor ao próximo. Schaper resume a concepção de Bauman sobre a máxima cristã do amor ao próximo, na qual segundo Schaper, na atualidade essa máxima caracteriza-se por autopreservação, sobrevivência e amor a si mesmo.³

Isto serve apenas como introdução a um tema que se mostra mais amplo e de difícil consenso e quem sabe de compreensão, por mais que um culto não seja, em nossa via racional e lógica de compreensão,⁴ difícil de entender. A reflexão centrar-se-á em como pode ser realizada

² MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade*: ensaios de liturgia. São Paulo: ASTE, 1996. p. 150-151.

³ SCHAPER, Valério Guilherme. Koinonia: a força profanadora da comunhão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 261-274, dez. 2011. p. 262. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/207/226. Acesso em: 10 ago. 2014.

⁴ Isso, pois estamos acostumados com o primado da razão, que “deu prioridade à palavra transformando o culto numa sequência de depoimentos, explicações, leituras, homilias e sermões, além de orações que se parecem mais com discursos do que com a contemplação do sagrado”. MARASCHIN, 2010, p. 23.

uma hermenêutica da liturgia e/ou uma hermenêutica litúrgica sem se recair em maneirismos instaurados dentro da cultura e da sociedade.

Desde um ponto de vista teológico-litúrgico, buscar-se-á na referência pessoal e no trabalho do pastor, teólogo e acadêmico Jaci Maraschin – também em outros autores e pesquisadores – fundamentação para a proposta aqui apresentada. Concomitantemente, tentar-se-á realizar uma crítica à sua forma de ler, entender e interpretar essa difícil relação do ser humano com as formas litúrgico-rituais, dentro de um contexto que a mesma não esteja sendo mascarada pelo preconceito e pela alienação ou pelo excesso.

Maraschin, ao analisar a influência da estética litúrgica nas realizações da igreja junto aos pobres, afirma que: “Enquanto teólogos somos hermeneutas da alegria. Enquanto liturgistas somos os criadores da alegria”.⁵ Disso resulta que uma hermenêutica da liturgia necessita relacionar os critérios da fé epifânica-memorial, na qual encontram-se presentes o mistério de Cristo entre as pessoas e a proximidade entre Deus e o ser humano – de forma que elas/eles possam plenamente se comunicar em uma grande festa pascal. Sobretudo, nesse sentido deve-se levar em consideração a alegria de quem prepara a liturgia e irá anunciar, mas também a alegria de quem irá receber a mensagem que produz vida. Nesse horizonte encontra-se a alegria da Boa Nova do Evangelho que vem até o ser humano no culto, através dos cantos, dos gestos, dos símbolos, das pessoas, do espaço e da dança, da leitura e da interpretação da Palavra de Deus.

Nos tópicos a seguir iremos destrinchar alguns dos pontos importantes dessa relação profunda da hermenêutica que se cria a partir da relação entre Bíblia e Liturgia no mundo contemporâneo. Além disso, nos apegaremos ao axioma teológico conhecido: *Lex orandi – Lex credendi* e relacioná-lo-emos ao binômio Bíblia e Liturgia para que possamos dela tirar uma conclusão que possa ser satisfatória para uma hermenêutica que envolve a alegria e a beleza.

Aqui vale ainda uma explicação. Ao falarmos em beleza não pensamos muito além do que o próprio Maraschin indicou, ao dizer que: “A confusão da estética com a riqueza transformou a obra de arte em objeto de mercadoria e nos fez pensar que a beleza estava na ostentação e no esplendor”.⁶ Na contraposição disto, Jaci situa a beleza nas coisas simples, assim ele afirma:

Eu falei no início, da confusão existente entre beleza e luxo. Trata-se de uma confusão que precisa ser superada. Contrastam, pois, o luxo de Salomão com o luxo dos lírios do campo. Nem mesmo essa palavra poderia ser aqui pronunciada. Pois somente Salomão poderia ter luxo. Os lírios apenas possuem beleza.⁷

O grande desafio que Jaci coloca para uma adequada hermenêutica litúrgica encontra-se, quem sabe, no conceito de liturgia *non-sense*.⁸ O grande desafio é desconstruir, tal como Heidegger, ou fazer essa *différance*, como Derrida, dos quais Jaci se apropria para realizar sua crítica ao momento hermenêutico-litúrgico atual. Além de buscar no protocristianismo o conceito de memória, que como se sabe também foi trabalhado por Ricoeur. Isso sem se recair em “fórmulas de sucesso”, ou seja, aquelas que atraíram e trouxeram várias pessoas para uma celebração litúrgica. Quem sabe o desafio contemporâneo seja justamente fazer uma liturgia, não

⁵ MARASCHIN, Jaci. A estética dos pobres. São Paulo, *Revista de Liturgia*, n. 117, p. 32-35, 1993. p. 35.

⁶ MARASCHIN, 1993, p. 32.

⁷ MARASCHIN, 1993, p. 35.

⁸ Segundo o dicionário online Priberam: “Aquilo que é contrário à razão ou ao bom senso”. Non sense. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/non%20sense>>. Acesso em: 04 jul. 2014. MARASCHIN, Jaci C. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010. p. 72-76.

para massas e multidões, mas uma liturgia que não faça sentido (*non-sense*), uma liturgia que não venha predefinida, mas que seja experiência e vivência das pessoas que se encontram para o culto.

Bíblia e Liturgia: uma hermenêutica possível?

A Boa Nova ou a *viva vox evangelii* encontra sua fundamentação, seu apoio, sua hermenêutica, sobretudo, na Bíblia. Essa é a ferramenta de onde são retiradas as principais ideias para as diferentes formulações e ações litúrgicas. Sem a Bíblia não é possível se ter e se fazer liturgia. Nesse sentido, usando as palavras do Frei Alberto Beckhäuser podemos falar do binômio Bíblia e Liturgia como sendo uma “*vivência eclesial do mistério de Cristo*”,⁹ pelo qual “a Sagrada Escritura não é mais simples elemento presente, mas um elemento essencial, constitutivo da Liturgia”.¹⁰

É relevante e salutar ainda destacar o princípio hermenêutico e escriturístico lançado pela Reforma Protestante no século XVI: o *sola scriptura*. Apontado por alguns como um princípio em decadência,¹¹ mas por outro lado, sendo renovado e correlacionado com os demais *sola* evangélicos (*sola gratia, sola fide, solus Christus*).¹² Entender o correlacionamento hermenêutico dos *sola* visa “preservar tanto a unidade dos *sola* como sua diversidade e sua simultaneidade viva e em tensão”.¹³ Aos *sola(s)* evangélicos deve estar atrelado o princípio escriturístico de Lutero, que Mueller resume da seguinte forma.

Uma das percepções fundamentais de Lutero foi justamente a radicalidade com que amarrou o princípio da exclusividade da Bíblia com Jesus Cristo. Cristo se torna, para ele, princípio centro e fim das Escrituras, como aliás de tudo o mais (cf. Romanos 11.36). [...] Na prática diária da leitura da Bíblia, o moto de Lutero: “bíblico”, no sentido evangélico, é *was Christum treibet* (o que propulsiona para Cristo), é revolucionário para teologia cristã.¹⁴

Dentre as tarefas da liturgia, enquanto ação e práxis, está a de “desacomodar” o ser humano. Tirá-lo de dentro da sua área de segurança e “lançá-lo” ao mundo, tal qual a afirmativa bíblica sobre o batismo: “*Ide (Vão)*, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.19-20).

“Não somos chamadas para ficar e sim para partir e caminhar”, diz uma música cristã. Antes de obtermos, através da Bíblia, ensinamento a respeito de Deus, somos ensinados em casa. Não que a religião e a liturgia sejam puramente educação advinda do estudo da Bíblia, mas uma “correta” hermenêutica também leva em conta que antes de termos em nossas mãos um “livro sagrado” estávamos em meio ao culto recebendo o batismo e partilhando comunhão através da Ceia e sendo educados com preceitos cristãos no seio familiar.

⁹ BECKHÄUSER, Frei Alberto. *Hermenêutica e Liturgia*. Petrópolis, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 32, n. 127, p. 568-580, 1972. p. 569. (Grifo do autor).

¹⁰ BECKHÄUSER, 1972, p. 569.

¹¹ SIEPIERSKI, Paulo. *Protestantismo e pós-modernidade*. In: MARASCHIN, Jaci (Org.). *Teologia sob limite: sete ensaios e um prefácio*. São Paulo: ASTE, 1992. p. 169ss.

¹² MUELLER, Enio R. *Teologia cristã em poucas palavras*. São Paulo: Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005. p. 44ss.

¹³ MUELLER, 2005, p. 47.

¹⁴ MUELLER, 2005, p. 53-54.

Não se trata de fazer certo ou fazer errado, segundo Maraschin, mas de fazer algo que não seja apenas manipulado ideologicamente para propagandear a fé cristã. Assim ele afirma:

A liturgia que havia sido instrumento de despertar da memória e celebração da saudade e, em seguida, manipulação das ausências, podia ser, também, eficiente instrumento de propaganda e marketing. Afinal, [a igreja] podia ser utilizada como teatro, arena, coro, e tribuna de debates.¹⁵

Em outro texto ele ainda lembra a situação da comunidade primitiva:

A Igreja sempre celebrou a liturgia cercada de elementos sensíveis que, nas catacumbas, eram buracos, corredores de labirinto e tochas. Os espaços sufocantes significavam a perseguição sofrida e afirmavam a possibilidade da comunidade mesmo em meio às condições mais adversas. O povo cantava nesses túneis sem fim e dizia os salmos com a esperança do mesmo povo do deserto.¹⁶

Dentro da crítica de Maraschin podemos perceber que ele não se contenta somente em preservar ou renovar antigas tradições cristãs. Decorrente disso, sua preocupação está em dar à liturgia um sentido pleno, cheio de alegria e beleza e um pouco de *non-sense*.

Desde uma perspectiva bíblica que envolve o mistério, que justamente é o Cristo e o que a ele *promove* ou *propulsiona*, mas também da experiência do cotidiano, da experiência da vida. Chegamos assim ao ponto de culminância em que diferenças devem ser feitas e novos caminhos trilhados. Por isso, devemos deixar claro que há sim um relacionamento hermenêutico que correlaciona os relatos bíblicos e a liturgia.

Deste ponto de vista, não há como dissociar Revelação e Palavra, ou seja, o fato histórico e contínuo da salvação e sua história relatada na Bíblia. Mas não só. O fato salvífico de Jesus continua sendo escrito na história humana através do Espírito Santo, na qual é acolhida a Revelação pelo povo. Nesse sentido, não se pode fechar ou encerrar a liturgia somente àquilo que já foi revelado e se tornou conhecido. Justamente aqui se torna complicado para muitas pessoas entenderem e compreenderem a liturgia, já que ela, muito além de se relacionar e procurar compreender e dar significado ao que já foi revelado, procura atualizar e ressignificar a beleza e a alegria da criação, da revelação, da salvação, da santificação, da graça, da misericórdia e do amor, em todas as suas festas e celebrações. Podemos, afirmar que o horizonte da liturgia, através de sua hermenêutica, é muitas vezes utópico e carregado de esperança. Esta utopia e esperança não devem ser encaradas de modo pejorativo ou sem valor, pois toda e qualquer relação humana que se dá através das mídias – televisão, filme, rádio, jornal, etc. – procurar se expressar utópica e esperançosamente.

Nesse sentido, o fazer e a ação litúrgica, antes de tudo, devem ser uma realização não ideológica. No entanto, o próprio Maraschin se pergunta se isso é possível. Ou se “qualquer crítica da ideologia já será, *a priori*, ideológica?”¹⁷ Ao seu próprio questionamento ele procura responder baseado na utopia, assim ele diz:

Seria a utopia a possível resposta para as questões prévias? Pelo menos, não poderia ser o caminho que se abre para nós nos impasses litúrgicos que a igreja sofre? Utopia significa aquilo que não tem lugar. Pertence aos domínios dos desejos, das aspirações, das

¹⁵ MARASCHIN, 2010, p. 52.

¹⁶ MARASCHIN, 1996, p. 139.

¹⁷ MARASCHIN, 2010, p. 27.

expectativas e dos sonhos. Não esconde coisa alguma. Não é dissimulador. Não usa máscaras. A história do nosso mundo é história de utopias. Segundo, Ricoeur, a primeira função da utopia é a subversão social. E social, neste contexto, inclui instituições, relacionamentos e companheirismos. Em segundo lugar, as utopias tendem a denunciar os sistemas de legitimação demonstrados na maneira como se exerce o poder.¹⁸

Diante disso, resta-nos pensar ainda nas palavras de Maraschin ao apontar para a relação entre Liturgia e Bíblia, e partindo do *Lex Orandi* e *Lex Credendi*, entender que a motivação litúrgica e festiva não nasce única e exclusivamente dos relatos bíblicos, mesmo que eles se fundamentam enormemente nestes. Temos que também apontar para a relação e a significação utópica que envolve o fazer litúrgico que assinala para um novo tempo e entender a relação auspiciosa do passado, presente e futuro, já descritos por Oscar Cullmann. Assim, vemos que a utopia tem sua origem “nas experiências reais na sociedade”,¹⁹ o mesmo podemos falar da liturgia.

E continua:

Nossa história mostra certa variedade de utopias desde os tempos antigos. Tiveram formas de mitologia, de saga sagrada, de visões políticas, de realizações religiosas e mais frequentemente na liturgia. Crescem a partir do desencanto com a realidade. A imaginação utópica nasce em lugares bem precisos e vai na direção do que não tem lugar.²⁰

Em grande medida esta experiência utópica se exprime na Romaria da Terra,²¹ por exemplo. Júlio C. Adam em seu estudo sobre ela destaca fatores importantes nessa celebração que envolve a resistência política e mística. Nela destacam-se cinco (05) pontos que influenciam no fazer litúrgico:

a) “Procura de espaço”,²² ou seja, a luta pela terra e a procura de um lugar significativo para a realização da Romaria, geralmente em locais marginalizados, esquecidos pelo poder público, “desconhecidos pelos mapas da história”.²³ Aqui não se trata apenas do local da celebração, sendo que, mais importante é o fator que um lugar, um espaço e uma terra que “não são lembrados” aos olhos da mídia, da política e do âmbito social em geral, torna-se o centro. Sendo que, este lugar atribui identidade à romaria e às romeiras e aos romeiros.

b) “Reconstrução da memória”.²⁴ O local no qual ocorre a celebração assume um caráter anamnésico, “não somente através de anúncios ou denúncias, mas também através de apresentações e ritos”,²⁵ geralmente usam-se “histórias esquecidas”,²⁶ que são “recontadas e reinventadas”.²⁷ A Bíblia e suas histórias trazem consigo importantes elementos anamnésicos para

¹⁸ MARASCHIN, 2010, p. 27.

¹⁹ MARASCHIN, 2010, p. 27.

²⁰ MARASCHIN, 2010, p. 27.

²¹ Para mais informações consultar: ADAM, Júlio César. *Liturgia com os pés: estudo sobre a função social do culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2012a.

²² ADAM, Júlio César. *Liturgia com os pés: a Romaria da Terra do Paraná: reapropriação de ritos litúrgicos na busca e libertação dos espaços de vida*. In: CARVALHAES, Cláudio (Org.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo: estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci C. Maraschin*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012b. p. 149.

²³ ADAM, 2012b, p. 150.

²⁴ ADAM, 2012b, p. 150.

²⁵ ADAM, 2012b, p. 150.

²⁶ ADAM, 2012b, p. 150.

²⁷ ADAM, 2012b, p. 150.

a celebração, tendo como ponto central o Êxodo e a libertação. Para Adam: “através da repetição desta memória instala-se algo na vida das pessoas, que não será esquecido tão facilmente”.²⁸

c) “Movimento e caminhada”.²⁹ Ambos fazem parte do ser de uma Romaria, para Adam, “visitar um lugar significa colocar-se a caminho, se movimentar, ir e desinstalar-se”.³⁰ Ou seja, deveriam também fazer parte de um culto ou celebração dominical, não sendo apenas encaradas como algo enfadonho de se realizar. Ainda sobre a Romaria destacam-se quatro movimentos básicos dentro dela:

1) Deixar a casa, o grupo, a comunidade e ir, viajar para a romaria [sic] 2) A caminhada no local da romaria, deixando o local de concentração à procura de um segundo lugar especial, um lugar para a festa; 3) O andar ritual durante toda a romaria, através do qual os romeiros, através de um corredor em meio ao público caminham em direção ao palco (ou caminhão-palco) e de lá retornam para o meio do público novamente; 4) O voltar para a casa após a romaria.³¹

d) “Festa subversiva”.³² Esta é uma característica importante da romaria. Ela é constantemente, segundo Adam, também referida como “Festa dos Pequenos ou a Festa Autêntica”.³³ Isso se deve em grande medida pois, “nela os pobres podem celebrar sua miséria e sua esperança”.³⁴ Um fator importante e que merece ser mencionado, pois também Maraschin o aborda, é que “a festa e o jogo perpassam e ligam todas as dimensões da romaria e a liberta de possíveis manipulações”.³⁵

e) Metodologia participante: Aqui poderíamos mencionar que a romaria realmente assume com grande vontade o “sacerdócio universal de todos os crentes”, tão defendido e difundido no meio evangélico-luterano. Sua metodologia, que envolve o preparo e a sua realização, é democrática. “[...] Na romaria entrega-se a celebração nas mãos daqueles que a celebram”.³⁶ Ou seja, a “liturgia é [...] entregue à comunidade, ao povo, ampliando-se assim o que já se pratica nas CEBs e abre-se mais um espaço para o exercício da autonomia”.³⁷

Assim, tanto a utopia quanto a liturgia tentam apontar e são “um exercício de imaginação com a finalidade de se chegar a modos de ser diferentes para o social”.³⁸ A liturgia assume contornos bem concretos na romaria, podemos dizer que se vive além do binômio “*lex orandi – lex credendi*”, a ele poderíamos acrescentar o “*lex vivendi*”.³⁹ Nesse mesmo espírito, a romaria surge como uma celebração subversiva, como apontava Adam, ela não se preocupa com em realizar uma liturgia como se aprende na Faculdades de Teologia, ou se celebra nos cultos dominicais

²⁸ ADAM, 2012b, p. 151.

²⁹ ADAM, 2012b, p. 151.

³⁰ ADAM, 2012b, p. 151. (Grifo meu).

³¹ ADAM, 2012b, p. 151-152.

³² ADAM, 2012b, p. 152.

³³ ADAM, 2012b, p. 152.

³⁴ ADAM, 2012b, p. 152.

³⁵ ADAM, 2012b, p. 152.

³⁶ ADAM, 2012b, p. 153.

³⁷ ADAM, 2012b, p. 153.

³⁸ MARASCHIN, 2010, p. 27.

³⁹ ROSIN, Robin. A Teologia de Lutero e o Culto. In: BUSS, Paulo Wille (Org.). *Lutero e o culto cristão: o que acontece quando Deus e homem se encontram no culto?* Textos do 3. Simpósio Internacional de Lutero, 07-10 de Julho de 2009: contagem regressiva para os 500 anos da Reforma em 2017. Porto Alegre: Concórdia, 2011. p. 10.

católicos ou evangélico-luteranos, pois, em certo sentido ela também nem pode ser encarada como um culto dominical da igreja.

Na romaria há, nesse sentido, clareza que não será apenas ela que mudará a vida das pessoas, mas a libertação já começa no sair de casa e ir para a romaria, viver e vivenciar o que ela oferece de ação litúrgica. Ela fundamenta-se em mostrar a realidade do seu povo, pois no culto é o mundo dos romeiros que se mostra a elas/eles, não baseando-se apenas em abstrações, orações e palavras vazias, ela “apresenta, em sua crueza, o que e o porquê seus membros vivem e lutam”,⁴⁰ ou seja, explicita-se em toda a liturgia celebrada o “*lex vivendi*”. Não somente histórias e metáforas são contadas, mas a história e a luta daquele povo é interpretada, encenada, vivida, experimentada na celebração, dessa forma, o culto romeiro “ajuda a dizer quem nós erámos, quem nós somos e quem seremos”.⁴¹

Dessa função social que a romaria exerce, podemos ainda ter uma conclusão para hermenêutica litúrgica e que se liga em grande parte ao discurso, ou seja, à prédica. Sobre esse tema Adam esclarece o seguinte:

Algo parecido com a prédica não existe na Romaria. Isso representa um paradoxo, se tivermos em mente que o discurso aparece tão frequentemente durante sua realização. A pregação na Romaria ocorre antes por apresentação hermenêutica e ações. Após a leitura de Habacuque 2.6b-12, não há interpretação, mas uma apresentação das dívidas sociais no país. Dessa forma, a profecia de Habacuque torna-se viva.⁴²

Justamente aqui se concentra outra crítica forte de Maraschin que se dá em relação à centralidade da palavra (logocentrismo). Segundo ele: “Somos todos logocêntricos. Na época da comunicação visual ainda dependemos da imprensa. Como dizia Lutero, o principal órgão sensorial do protestantismo ainda é o ouvido”.⁴³

A relação entre Bíblia e Liturgia sugere muito mais do aqui foi elencado. O problema hermenêutico desse binômio continuará existindo. Mas vemos que não somente protestantes tem um grande problema com a Bíblia para transpô-la para o mundo da ação simbólico-ritual da liturgia. Também os católicos têm que lidar com ela em suas missas desde o Vaticano II, no qual se lutou para uma abertura e reforma litúrgica grandiosa e auspiciosa.

Do lado católico, sugere-se a seguinte hermenêutica para a Bíblia no culto: “Um importante passo em direção a uma solução será entender a natureza da literatura e a relação entre literatura e verdade, literatura e julgamento moral, literatura e espiritualidade”.⁴⁴ A mesma superação hermenêutico-litúrgica que impõe-se para o mundo protestante, impõe-se ao mundo católico-romano. Segundo Beckhäuser:

É na Liturgia que a Bíblia toma sentido pleno, pois aí a comunidade de fé, abstraindo-se dos aspectos historicista, científico, faz da Bíblia um livro de vida, onde pela ação de Deus

⁴⁰ ADAM, 2012b, p. 157

⁴¹ ADAM, 2012b, p. 157.

⁴² ADAM, 2012a, p. 167-168.

⁴³ MARASCHIN, 2010, p. 28.

⁴⁴ MCEVENUE, Sean. Usos e abusos da Bíblia na liturgia e na pregação. Petrópolis, *Concilium*, n. 233, p. 102-111, 1991. p. 103.

e a resposta do homem se realiza o mistério do encontro do humano e do divino, razão de ser de toda a revelação divina.⁴⁵

Novamente retornando ao exemplo da Romaria da Terra poderíamos dizer que ela assume um modo de ser igreja, que a própria igreja não consegue. A romaria e a sua “liturgia com os pés”⁴⁶ são, segundo Adam, “para apontar a inversão de ponto de partida”.⁴⁷ Conectando ela, a romaria, à crítica de Maraschin encontramos fortes argumentos para não sermos, nós evangélicos, tão logocêntricos. Tendo em vista que, a “liturgia não é algo que se faz tão somente com as cabeças, com as ideias, com agendas litúrgicas, com notas musicais, com a tradição”.⁴⁸

Deveríamos buscar fazer liturgia a partir de tudo o que acima mencionamos; pois a hermenêutica da liturgia encontra-se no mistério de Cristo a nós revelado e constantemente atualizado e naquilo “que move as pessoas em seu dia-a-dia, no movimentar-se na procura de que falta, nos pés que dançam a vitória pelas coisas que Deus fez e faz em meio ao povo pobre, em meio aos últimos”.⁴⁹

Transformações na hermenêutica litúrgica no mundo protestante

Neste ponto queremos elencar alguns pontos considerados importantes dentro da discussão da “*Ciência Litúrgica*”.

Qual é a alegria e a beleza na liturgia? Sigamos Maraschin em sua crítica. Ele aponta os seguintes fatores que devem ser superados dentro da *Ciência Litúrgica*:

1) “A vida litúrgica da igreja sempre se relaciona com culturas particulares”.⁵⁰ Não se trata apenas de alteridade, ver ao próximo e considerá-lo enquanto sujeito. Trata-se, para ele, de uma libertação da história que permeia nosso continente, no qual o objetivo é superar o historicismo e o tradicionalismo que impedem que a ciência litúrgica e a liturgia da igreja encontrem-se com e no seu próximo. Isso representa uma ruptura com o atual modo de fazer liturgia e da hermenêutica litúrgica que centra-se nas produções litúrgicas europeias e estadunidenses. A crítica de Maraschin também se dirige às situações nas quais comunidades, ministras e ministros ordenados apropriam-se de liturgias sem saber a sua origem e o seu contexto, e realizam tal liturgia em suas comunidades, sem a contextualizarem com a história e vivência da comunidade. Isso leva, ao que Maraschin propôs à igreja anglicana de “moratória litúrgica”. Essa moratória consiste em dar liberdade às comunidades de produzirem e oficiarem suas próprias liturgias. Em suas palavras: “Pedi que os bispos permitissem ao clero liberdade para criar liturgias sem o Livro de Oração Comum”.⁵¹

2) Uma reforma litúrgica que considere as novas formas de compreensão do sagrado, levando em conta “o lugar da beleza e, portanto, do prazer na vida litúrgica da Igreja”.⁵²

⁴⁵ BECKHÄUSER, 1972, p. 580.

⁴⁶ ADAM, 2012, p. 137ss.

⁴⁷ ADAM, 2012, p. 159.

⁴⁸ ADAM, 2012, p. 159.

⁴⁹ ADAM, 2012, p. 159-160.

⁵⁰ MARASCHIN, 2010, p. 33.

⁵¹ MARASCHIN, 2010, p. 33.

⁵² MARASCHIN, 2010, p. 33.

3) Aprendizado de forma ecumênica. Não se basear apenas nas formas litúrgicas com “selo de qualidade” e/ou “liturgias de sucesso” e aprovadas pela tradição. Incluir elementos e experiências com dança, gestos, símbolos e cores.

4) Como já afirmado, a questão da história é importante. Ao passo que não devemos apenas nos fixar nos textos litúrgicos que a tradição nos legou. Nesse sentido, “é mais importante observar as metodologias que empregaram do que as formas que criaram”.⁵³

5) Libertação das amarras musicais. Não se deve jogar a tradição trazida pelos antepassados fora. No entanto, a igreja local carece de experiências com a música de sua região e de seu contexto. Parece que não há espaço para a música brasileira e regional nas igrejas.

Resumidamente, o desafio que Maraschin nos coloca enquanto Igreja, que procura dar testemunho do Corpo de Cristo é:

Qualquer reforma litúrgica também deverá se relacionar com a missão da igreja, baseando-se em perspectivas que relacionem missão com alegria e liberdade. A liturgia e a missão são irmãs que dançam juntas na direção da beleza do Reino de Deus.

A alegria e beleza na hermenêutica litúrgica

Em um capítulo chamado “*Liturgia além dos usos*”,⁵⁴ Maraschin, em sua hermenêutica litúrgica pós-moderna, aponta para as formas pelas quais a liturgia pode novamente ser ressignificada para dentro do contexto cristão.

1) Compreender a tarefa litúrgica como *jogo e brinquedo*.

Muito embora a igreja cristã não admita, por meio de seus porta-vozes, o caráter lúdico de suas celebrações, esses elementos sempre estiveram presentes nas reuniões das comunidades.⁵⁵

Para tal ele cita vários exemplos: a água que é aspergida sobre os fiéis, as procissões de Corpus Christi e seus tapetes, suas imagens, flores e cores. Os ortodoxos com suas entradas e saídas do santuário no qual rezam grande parte do culto. O Domingo de Ramos com suas procissões, os presépios nas épocas natalinas, as coroas de pentecostes entre os capixabas.

2) Compreender a *estética* e o *mistério* na arte cristã. Ela pode ser recuperada dentro do cristianismo através de uma estética que se volta para o belo e a beleza e não somente para um caráter comercial. A arte pode ser usada como um exercício espiritual através da estética que se desenvolve a partir do mistério de Cristo. Para Maraschin, “o que importa, no entanto, não é primeiramente o uso da arte na liturgia, mas a transformação da liturgia em obra de arte”,⁵⁶ onde a liturgia “ao ser obra de arte adquire a consciência de estar-no-mundo em face do mistério”.⁵⁷ Ele entende que não são os seres humanos que transcendem, mas a divindade. Nesse sentido, a estética e o mistério da arte cristã se complementam ao possibilitar que o divino se apresente a nós através da arte e da liturgia que se transforma numa grande obra de arte.

⁵³ MARASCHIN, 2010, p. 33.

⁵⁴ MARASCHIN, 2010, p. 59-78.

⁵⁵ MARASCHIN, 2010, p. 63.

⁵⁶ MARASCHIN, 2010, p. 67.

⁵⁷ MARASCHIN, 2010, p. 67.

3) Compreender o uso do *corpo* na liturgia. Somos ensinados que pertencemos ao corpo de Cristo (1Co 12), e cremos que o verbo/Palavra se fez carne/corpo. A principal celebração cristã é o corpo e o sangue de Cristo (Eucaristia/Santa Ceia). No entanto, pouco se usa o corpo nas tradições litúrgicas protestantes, corpo humano que, na maioria das vezes, encontra-se “enfileirado e fixo” entre os bancos históricos das igrejas.

A liturgia, enquanto arte, deveria ser mais corpórea e física, estando relacionada com a sensibilidade humana de ver, tocar, cheirar, sentir o gosto e ouvir.⁵⁸ Falta-nos, quem sabe, trazer para dentro da igreja aquele corpo que dança nos bailões, no carnaval, nos sambas, nos frevos, falta à igreja romper com o modelo que engessou e libertou a cultura brasileira como um todo. Resta-nos o desafio de recolar o corpo dentro da liturgia, para tal podemos olhar os exemplos do passado, como na igreja primitiva, na qual

A nudez requerida dos batizandos significava que era o corpo o recipiente da graça divina e que, no seu esplendor saído das mais de Deus, continha a possibilidade da nova vida trazida por Cristo. Esses corpos lavados na água seriam em seguida alimentados pelo Corpo e Sangue de Cristo.⁵⁹

4) *Liturgia non-sense*. Este talvez seja o grande desafio da hermenêutica litúrgica de Maraschin. Esta proposta inclui muito do lúdico e do irreverente, algo não bem aceito para dentro da igreja e da liturgia que, em grande medida, é centrada em “pesadas expectativas que se lhe têm sido impostas pelo racionalismo e pelo ativismo”.⁶⁰ Sua proposta, em relação à liturgia vigente, caracteriza-se por ser:

[...] ‘vertida’ ‘contra’ o que se estabelece como se fosse verdade eterna. Nesse sentido ela é também ‘divertida’ e até mesmo ‘pervertida’. E sendo assim, torna-se ‘subversiva’ para abrir caminhos ‘subvertidos’ pela experiência do sagrado.⁶¹

Num primeiro momento, uma liturgia *non-sense* seria um *não* às formas inescrupulosas de uso e abuso das formas litúrgicas existentes e que vieram com a tradição e a história e se instauraram no seio do fazer e da ação litúrgica dentro das igrejas. A liturgia não seria usada como forma de manipulação ideológica e de poder frente à sociedade e a outras religiões, pois caso seja assim, o culto das comunidades cristãs expressa mais as obras do ser humano do que a graça de Deus.⁶² Num segundo momento, *non-sense* significa um “sim”. Como escreve o próprio Maraschin, é um sim

[...] pós-moderno para além dos usos da modernidade. A abolição do *sense* (sentido racional) representada pelo *non* abre a liturgia para o ‘jogo e o brinquedo’, valendo de uma estética do que da ética em face do mistério, dando ênfase ao corpo e seus jeitos e sentidos, muito mais na superfície do que no que talvez estivesse debaixo dela.⁶³

Isso não significa que a liturgia que se realizará a partir destes pressupostos seja irracionalista. Para tanto, o próprio Maraschin alerta-nos da descoberta de Pascal, no sentido de

⁵⁸ MARASCHIN, 2010, p. 68.

⁵⁹ MARASCHIN, Jaci. *Lex orandi Lex credendi*. São Paulo, *Simpósio*, n. 36, p. 40-52, 1993. p. 48.

⁶⁰ MARASCHIN, 2010, p. 75.

⁶¹ MARASCHIN, 2010, p. 75.

⁶² MARASCHIN, 2010, p. 76.

⁶³ MARASCHIN, 2010, p. 76.

que seria “como se a razão se desse conta de seus limites e se deixasse levar pelo que está além dela”.⁶⁴

Conclusão

A liturgia é mais do que interpretação e compreensão. Para ser “verdadeiramente entendida” ela pode ser “lida” com alegria e beleza, ela precisa ser realizada, concebida com tais fundamentos. O que aqui propomos, através da leitura de Maraschin, é a procura por algo que não seja “mais do mesmo”, mas, “uma vida litúrgica vivida através da liturgia”. Nelson Kirst, a partir da constatação da antropologia-litúrgica, com muita clareza afirma: “[...] Muito mais forte do que a comunicação verbal na prédica é a comunicação não verbal do espaço, do ambiente, da música, da comunidade presente, dos sacramentos e dos gestos”.⁶⁵ Em seu entendimento, o que motiva as pessoas a irem ao culto não são as afirmações teológicas que se pode fazer no culto, ou seja,

[...] as pessoas não vão ao culto para compreender Deus, para assimilar verdades teológicas, doutrinas, mas para tornar a **receber** e **experimental** a confirmação da presença e a amizade de Deus e a **vivenciar** o aconchego da comunhão das pessoas que comungam na mesma fé.⁶⁶

Buscamos refúgio em formas que não são religiosas ou são transvestidas de elementos religiosos, os quais são de mais fácil aceitação. As diversas mídias colocam-nos em contato com uma cosmovisão que em alguns momentos são trânsfugas de nossa realidade. A liturgia e a vida litúrgica devem buscar no mistério de Cristo e na vivência do cotidiano bases para a sua realização, ou seja, a ação simbólico-ritual da liturgia não deveria ser um ato isolado do cotidiano de nossas vidas. Elas deveriam estar largamente embasadas e fundamentadas numa experiência mística que possa ter como cerne as propostas de Cristo que se realizam através de atos concretos, tal como ocorre na Romaria da Terra.

A liturgia de nossas igrejas necessita de outros fatores que apontem para “uma nova” hermenêutica da vida e da vivência cristã. As propostas de Maraschin apresentam-se não como uma solução definitiva, mas como uma mola que propulsiona para cima e para baixo, ao mesmo tempo em que, refletindo o passado e vislumbrando o futuro, possamos encontrar novos jeitos de ler a Bíblia e realizar a liturgia em nossas comunidades no presente, não com olhos de quem busca uma resposta definitiva, mas com o olhar de alguém que sabe onde encontrá-la e que permanece na busca e na contemplação, no silêncio, na alegria e na beleza daquilo que *promove/propulsiona* a Cristo.

A libertação das amarras que nos prendem e a busca por um significado da vivência litúrgica cristã, como apontado por Maraschin, podem passar pelos critérios de *jogo* e *brinquedo*, onde o *homo ludicus* se faz presente e procura pelo ser-no-mundo. Além de ser extremamente recomendado uma busca por uma hermenêutica litúrgica que possa ser percebida pelo “arder do coração”, como no Caminho do Emaús, na qual a renovação e atualização da presença do corpo real e místico dentro da litúrgica cristã, possa ser percebido e vivido através daquilo que

⁶⁴ MARASCHIN, 2010, p. 76.

⁶⁵ KIRST, Nelson. Renovação Litúrgica: Experiências recentes na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). *Tear: liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 24, p. 5-16, dez. 2007. p. 12.

⁶⁶ KIRST, 2007, p. 12. (Grifo nosso).

propulsiona para Cristo e não apenas para aquilo que propulsiona para as obras e os desejos de solução dos problemas individuais. Estando à espreita dessa utopia e esperança escatológicas da missão e do amor de Cristo para com o seu povo, podemos nos dar a liberdade, a partir no momento em que sabemos o procuramos, para que através de uma espiritualidade plena, possamos ter uma liturgia com um pouco de *non-sense*.

Referências

ADAM, Júlio César. *Liturgia com os pés: estudo sobre a função social do culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2012a.

_____. Liturgia com os pés: a Romaria da Terra do Paraná: reapropriação de ritos litúrgicos na busca e libertação dos espaços de vida. In: CARVALHAES, Cláudio (Org.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo: estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci C. Maraschin*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012b.

BECKHÄUSER, Frei Alberto. Hermenêutica e Liturgia. Petrópolis, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 32, n. 127, p. 568-580, 1972.

KIRST, Nelson. Renovação Litúrgica: Experiências recentes na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). *Tear: liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 24, p. 5-16, dez. 2007.

MARASCHIN, Jaci. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo, SP: ASTE, 2010.

_____. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*. São Paulo: ASTE, 1996.

_____. A estética dos pobres. São Paulo, *Revista de Liturgia*, n. 117, p. 32-35, 1993.

_____. Lex orandi Lex credendi. São Paulo, *Simpósio*, n. 36, p. 40-52, 1993.

MCEVENUUE, Sean. Usos e abusos da Bíblia na liturgia e na pregação. Petrópolis, *Concilium*, n. 233, p. 102-111, 1991.

MUELLER, Enio R. *Teologia cristã em poucas palavras*. São Paulo: Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

Verbetes “Non sense”. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/non-sense>>. Acesso em: 04 ago. 2014.

ROSIN, Robin. A Teologia de Lutero e o Culto. In: BUSS, Paulo Wille (Org.). *Lutero e o culto cristão: o que acontece quando Deus e homem se encontram no culto?* Textos do 3. Simpósio Internacional de Lutero, 07-10 de Julho de 2009: contagem regressiva para os 500 anos da Reforma em 2017. Porto Alegre: Concórdia, 2011. p. 10.

SCHAPER, Valério Guilherme. Koinonia: a força profanadora da comunhão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 261-274, dez. 2011. p. 262. Disponível em: <http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/207/226>. Acesso em: 10 ago. 2014.

SIEPIERSKI, Paulo. Protestantismo e pós-modernidade. In: MARASCHIN, Jaci (Org.). *Teologia sob limite: sete ensaios e um prefácio*. São Paulo: ASTE, 1992.